

**Jorge Kanehide Ijuim**

É professor do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC); doutor em Ciências da Comunicação/ Jornalismo pela ECA/ USP. Tem experiência na área de Comunicação, com ênfase em Fundamentos e Produção jornalística; atua principalmente nos temas Jornalismo e construção de narrativas e jornal escolar.

**Antonio Carlos Sardinha**

É jornalista, mestrando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho (Unesp) e membro do Núcleo de Jornalismo Científico da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

**Algumas meias verdades sobre a narrativa jornalística... e a busca por um jornalismo humanizado****Some half truths about journalistic narratives... and the quest for a humanized journalism****Algunas medias verdades sobre la narrativa periodística... y la busca por un periodismo humanizado**

**RESUMO**

A crescente discussão em torno das narrativas jornalísticas – e o conseqüente uso – tem provocado alguns equívocos teórico-práticos. Nota-se, por vezes, generalizações apressadas e descabidas e, por outras vezes, o reducionismo com relação ao papel que deve cumprir no campo da produção jornalística. Diante desta provocação, pretendemos desenvolver neste espaço uma reflexão que possa contribuir com a ampliação do debate em torno do tema. Em seguida, apresentamos algumas constatações desses equívocos – que chamamos de meias verdades. Justamente com base nestas, propomos a construção de narrativas como espaço para o exercício de um jornalismo humanizado. Por fim, num momento de síntese, trazemos nossa compreensão e algumas referências que consideramos coerentes a esta linha teórica.

**Palavras-chave:**

Jornalismo e narrativas; construção de narrativas; produção jornalística; estudos do jornalismo.

**ABSTRACT**

The increasing dispute around the journalistic narratives - and the consequent use of them - has provoked some theoretical and practical mistakes. At times, one can observe quick and inappropriate generalizations; at another times, one sees reductionism as to their role in the field of the journalistic production. In face of such provocation, it is our intention to develop a reflection that can contribute to the magnifying of the discussion around the subject. We then present some perceptions regarding such mistakes – which we call half-truths. Based on them, we consider the construction of narratives as a space for a humanized journalism. As a conclusion, we bring our understanding and some references coherent with this theoretical line.

**Keywords:**

Journalism and narratives; Construction of narratives; Journalistic production; Journalism studies.

**RESUMEN**

La creciente discusión alrededor de las narrativas periodistas – y su consecuente uso – tiene provocado algunos equívocos teóricos prácticos. Se observa, algunas veces, generalizaciones apresuradas e inoportunas, y otras veces, el reduccionismo con relación al papel que se debe cumplir en el campo de la producción periodística. Delante de esta provocación, se quiere desarrollar en este espacio una reflexión que pueda contribuir con la ampliación de un debate sobre el tema. Luego, presentamos algunas constataciones de esos equívocos – los cuales llamamos de medias verdades. Justamente basado en estas, proponemos la construcción de narrativas como espacios para el ejercicio de un periodismo humanizado. Por fin, en un momento de síntese, traemos a nuestra comprensión y algunas referencias que consideramos coherentes a esta línea teórica.

**Palabras clave:**

Periodismo y narrativas; Construcción de narrativas; Producción periodística; Estudios de periodismo.

---

Data de submissão: 3/2009

Data de publicação: 8/2009

## 1. Escolha teórica

**P**artimos do pressuposto que construir narrativas é uma forma de compreender o mundo. Por esta premissa, esta reflexão que remete à discussão da própria essência do jornalismo. Do termo – e da noção – emprestado da teoria literária, a narrativa supõe um enredo que exige uma transformação (CULLER, 1999). Construir narrativas deve envolver uma contextualização precisa e profunda, fruto de uma observação/percepção cuidadosa dos fenômenos sociais. Para as narrativas contextualizadas há que se contemplar os nexos, as significações desejáveis à audiência, de modo que as pessoas percebam os sentidos das mensagens às suas vidas. Em suma, construir narrativas implica que o jornalista necessita absorver/compreender os fenômenos para poder narrá-los – visando justamente a requerida transformação.

Ao defender o papel do jornalista como um construtor de narrativas, assumimos a postura marxista de *compromisso do profissional com a sociedade*, bem explicitado por Paulo Freire. Para o autor, a primeira condição para este compromisso é exercer a capacidade de atuar e refletir:

É exatamente esta capacidade de atuar, operar, de transformar a realidade de acordo com finalidades

propostas pelo homem, à qual está associada sua capacidade de refletir, que o faz um ser da práxis (FREIRE, 1983, p.15-25).

Ao admitir esse ponto de vista, vislumbramos ao jornalista mais que a visão simplificadora e reducionista de que sua tarefa é informar, 'dar o fato'. Ao contrário, consideramos a noção de que o jornalista promove a comunhão entre humanos – o compartilhar dos desejos coletivos. Assim, a busca do jornalista não é um objeto – a verdade – mas a compreensão sobre as ações dos sujeitos da comunicação – a expressão dos sentidos da consciência. Cabe ao jornalista o dever de, a partir do singular, produzir relatos verazes, versões verossímeis. A expressão dos sentidos da consciência não se obtém exclusivamente através das versões das fontes oficiais. Ao contrário, na maioria das vezes 'a visão particular sobre as ações humanas' se conquista quando se dá a voz a quem, em geral, é negado este direito – as pessoas comuns, os anônimos.

### **Construção de narrativas... ... que narrativas?**

– Se construir narrativas é uma forma de compreender o mundo, entendemos que o fazer jornalístico implica na “construção social da realidade”, concordando com as teorias ‘construcionistas’. Estas dão relevo à importância de compreender a dimensão cultural das notícias. Como ressalta Michael Schudson, “as notícias como uma forma de cultura incorporam suposições acerca do que importa, do que faz sentido, em que tempo e em que lugar vivemos” (*apud* TRAQUINA, 2005, p. 171).

Assim, estas teorias enfatizam que o noticiário representa “a volubilidade, a imprevisibilidade e a natureza conflituosa do mundo”. Os acontecimentos divulgados, no entanto, não devem permanecer no campo do aleatório, mas trazidos à arena dos significados – busca de essência.

Como processo de construção, tais teorias reconhecem que as notícias são narrativas, ‘estórias’, marcadas pela cultura jornalística – seus recursos e as formas de pensar e fazer – e pela cultura da sociedade em que estão inseridos. Dessa forma, uma gama de referenciais simbólicos da cultura caracteriza uma integração de “lentes” pelas quais o repórter atribui significados aos fenômenos sociais.

A inspiração construcionista encontra eco no pensamento de Adelmo Genro Filho. Ao trazer ao debate a essência do jornalismo, contestou a visão ingênua de fundo funcional-positivista que implica numa compreensão do mundo como um agregado de fatos prontos e acabados. Em contraposição, o autor apontou o fazer jornalístico como construção social, uma ação humana diante da realidade social, como totalidade concreta e como transformação da possibilidade e probabilidade em liberdade através da criação e superação permanente de necessidades. Para o autor, o jornalismo é uma ‘forma social de conhecimento’, mas não uma forma qualquer. Ao buscar mais especificidade, recorre às categorias elaboradas por Hegel: singular, particular e universal.

Ao interpretar Genro Filho, Eduardo Meditsch (1992) sublinha que o conhecimento pode se apresentar sob a forma mais universal, como a ciência. Uma lei da física é um conhecimento real sobre o mundo que está formulado mais universalmente. No

caso da sociologia, interessa se um indivíduo integra um grupo social, que tipo de pessoas compõe esse grupo, a que classes pertencem e se tomam determinadas atitudes. Uma pintura ou uma música será sempre uma visão pessoal de mundo do artista, uma manifestação particular sobre fenômenos sociais – a arte materializada por um conhecimento particular.

Já o Jornalismo é uma forma social de conhecimento que se cristaliza no singular, e sua força está justamente na singularidade. Esta será marcada a partir do repórter, em como enxerga a pauta – como também estará na própria pauta. Especialmente a singularidade estará em como o jornalista vivencia o processo de reportagem, o que encontra de peculiar, diferenciado, menos generalizante nos protagonistas do processo comunicativo. Dessa forma, o jornalismo pode ser vislumbrado como uma forma de conhecer o mundo a partir do singular e a expressão de seu trabalho é o compartilhar de sua construção/compreensão da realidade baseada nas singularidades.

Produzir narrativas supõe, então, a construção social da realidade como totalidade concreta, a partir das singularidades, como meio de transformação – através da criação e superação permanente de necessidades.

**Jornalismo literário e narrativas** – A prática narrativa no Brasil recebeu influências do *New Journalism* norte-americano, constituindo o que hoje conhecemos como o Jornalismo Literário ou Jornalismo narrativo. Edvaldo Pereira Lima, um dos pesquisadores [e animadores] dessa linha, o classifica como uma modalidade de prática da reportagem de profundidade e do ensaio jornalístico utilizando re-

cursos de observação e redação originários da [ou inspirados pela] literatura. Seus traços básicos são imersão do repórter na realidade, voz autoral, estilo, precisão de dados e informações, uso de símbolos [inclusive metáforas], digressão e humanização. Quando trata das narrativas de transformação, Lima destaca a fundamental postura pró-ativa do repórter para uma ação transformadora, pois “o jornalismo não pode fugir ao seu compromisso com a vida” (LIMA, s.d.).

Os estudos de Felipe Pena também configuram contribuição expressiva para a aplicação do Jornalismo Literário. Para ele, o jornalista literário não ignora o que aprendeu no jornalismo diário. Os bons princípios da redação, como a apuração rigorosa, a observação atenta, a abordagem ética e a capacidade de expressar claramente, entre outros, continuam extremamente importantes. Seu desafio é construir novas estratégias profissionais, desenvolvê-las de forma que ultrapasse os limites do acontecimento cotidiano, rompendo com as características da periodicidade e da atualidade. Por isso, é possível ganhar em contextualização e ampliar a visão da realidade. A apropriação de alguns recursos da literatura permite superar a técnica do *lead* e tornar a reportagem menos efêmera ou superficial. Pena recomenda ainda a diversificação de fontes – ultrapassando o que chama de entrevistados de plantão – para ouvir o cidadão comum, a fonte anônima, as lacunas, os pontos de vista que nunca foram abordados. Por fim, o autor defende que é preciso exercer a cidadania, como dever e compromisso com a sociedade – a abordagem pode contribuir com a formação do cidadão, para o bem comum, para a solidariedade (2006).

Vale salientar que Tom Wolfe, um dos norte-americanos que teorizaram sobre o Novo Jornalismo, tem alimentado as reflexões de pesquisadores como Lima e de Pena, como a prática de tantos outros que se sensibilizaram pelas alternativas do jornalismo narrativo. Ele propôs, em essência, algumas ferramentas como a construção cena a cena, ao invés da narrativa cronológica; os diálogos como meio vívido e privilegiado de captação da realidade; o ponto de vista na terceira pessoa, com a cena apresentada sempre pelos olhos de um participante da ação; a observação e o registro do mundo (FREITAS, s.d.).

## 2. Meias verdades

Com uma ou outra estratégia diferenciada, mas com a maioria dos pontos comuns, os autores que discutem o tema desenvolvem suas argumentações de forma a aproximá-las das teorias construcionistas, como aqui exposta. Também parece haver concordância em algumas características básicas:

- A técnicas jornalísticas como recursos indispensáveis;
- Criação de estratégias que permitam a superação, o desenvolvimento dessas técnicas;
- Exercício da cidadania, compromisso social e humanização;
- Descrição e valorização de personagens;
- Descrição de ambientes;
- Ênfase no aprofundamento, na ampliação da visão da realidade.

Mas... no afã de usufruir desses recursos, temos observado que alguns jornalistas têm, inadvertidamente, se apropriado de uma ou outra dessas carac-

terísticas [parte] e negligenciam a essência do próprio jornalismo [todo] – a compreensão de mundo. Ou seja, seu trabalho continua sendo um relato parcial [e superficial?] ao invés de construção social da realidade. Por outro lado, a construção de narrativas não pode ser entendida somente [ou até um sinônimo] de Jornalismo Literário, embora este seja uma boa referência para embasar a prática. Em vista disso, vamos discutir alguns casos que estamos chamando de meias verdades:

**Narrativa e reportagem** – Como primeira meia verdade, pode-se contestar o mito de que as narrativas são textos bem elaborados, com linguagem agradável e sedutora, quase literária, e cheios de inspiração. Este mito tem gerado uma visão simplificadora e, por vezes, tem sido justificativa para as dificuldades do repórter em apurar, investigar, entrevistar, enfim realizar o exaustivo trabalho de reportagem necessário para o desenvolvimento do bom jornalismo. Como já bem explicitado em vários momentos desta reflexão, a construção de narrativas não pode negligenciar os esforços cuidadosos de reportagem.

**Espaços exclusivos (?)** – A incidência acentuada de outro equívoco nos obriga a relativizar uma argumentação de alguns teóricos quando sustentam que os espaços privilegiados para as narrativas são o livro-reportagem, os cadernos especiais ou revistas especializadas [em geral as de cultura]. Sim, são, mas não exclusivamente. Porque qualquer produção jornalística pode constituir uma narrativa, desde que atenda ao caráter aqui discutido. Assim, pode-se verificar que alguns jornalistas conseguem desenvolver

reportagens com tais características em jornais diários, no telejornalismo e até mesmo no jornalismo *on-line*.

O caderno Aliás, de O Estado de S. Paulo, apresenta uma experiência rica no campo das narrativas. Esta, no entanto, transcende para as outras editorias. Como exemplo: “O grande sertão de Rosa está desaparecendo”, de Daniel Piza (2006). Diante da denúncia de uma pesquisadora da UFMG sobre os problemas ambientais causados pela instalação de carvoarias nas veredas mineiras, o repórter revisitou Guimarães Rosa e seu ‘grande sertão’. A narrativa de Daniel Piza, além apresentar densidade, clareza e precisão, promove um diálogo interessante entre o passado – as veredas narradas por Rosa – e o presente – a transformação do lugar vista pela pesquisadora Dirce Ribeiro de Melo. Assim como esta matéria, numa editoria Nacional de O Estado, há outras boas referências de construção de narrativas além dos espaços ‘consagrados’ para estas.

No telejornalismo, Neide Duarte tem se destacado por suas reportagens diferenciadas. A série de documentários que produziu em sua estada na TV Cultura [disponível em DVD] é um exemplo primoroso de competência técnica, consciência de mundo e sensibilidade. Nesta série, entrevistou gente comum como Nelson da Conceição, morador do Jardim Ângela, em São Paulo. Questionou como um menino que nasceu na periferia acabou tocando contrabaixo numa orquestra sinfônica. O moço conta a história desde a infância, que ouvia junto de sua mãe os programas policiais do Gil Gomes. O comentário de Neide para fechar a matéria é lapidar:

Ao contrário do que era esperado, Nelson não prestou atenção na narração dos assassinatos. Não prestou atenção no destaque do programa. Escutou o que estava em segundo plano, escutou o que seus ouvintes escolheram: a música. Nesse sentido, realizou um milagre. Um milagre que só um homem é capaz de realizar, ao perceber que tem o poder de dar ao mundo um novo começo.

Em seu retorno à TV comercial, continua dando um ar especial a suas matérias. Há algo mais comum que o intenso movimento de passageiros no Terminal Rodoviário do Tietê em época de férias? Do tão comum, Neide Duarte consegue tornar sua reportagem incomum. Levada ao ar em janeiro de 2006, a repórter enxerga mais que a grande agitação de tantos passageiros. Encontra personagens cheios de vida, de histórias, de sonhos – a compreensão sobre esperanças e decepções de pessoas comuns.

Mesmo no jornalismo ditado pelo ‘adiantado do minuto’, há referências que demonstram a exequibilidade das narrativas. Fabiana Silvestre e Graciliano Rocha, do Campo Grande News, postaram matéria especial em 8/3/2005, o Dia Internacional da Mulher. Driblando o trivial e o agendado, os autores entrevistaram mulheres que ocupam funções antes consagradas aos homens, como motoristas de ônibus ou frentistas de postos de gasolina. Em “Superado o mito da Amélia, mulheres consolidam espaços”, Fabiana e Graciliano foram às ruas para ouvir aquelas que lutam para romper com o estigma da submissão feminina. Valorizaram e descreveram personagens, o ambiente, com um tom literário, mas não dispensaram o fundamental: o trabalho de reportagem.

**Dimensões ética e estética** – Um dos equívocos mais marcantes pode-se identificar quando o repórter se preocupa com um aspecto plástico da reportagem e, por mais que o tema suscite relevância social, o seu tratamento acaba por acarretar deslizes éticos danosos e desagradáveis. Vejamos um exemplo:

### FILHOS DA PISTOLEIRA

“Eles escutam os gemidos das madrugadas nos cortiços do faroeste brasileiro. Crescem nos confins de Mato Grosso do Sul. Descobrem que homens mal-vados gargalham de prazer e mães berram de dor. Moram na divisa do Brasil com o Paraguai e a Bolívia, 44 pequenos municípios, duas cidade importantes, Corumbá e Ponta Porã, 1.517 quilômetros de extensão, porteira de drogas, armas e muambas que abastecem as metrópoles do país e que embrutecem as mulheres da fronteira”.

Elas vendem o que o diabo compra. Algumas ne-gociam o rebolado das filhas com uma pistola na cintu-ra. Disparam se o cliente abusa. Não se acham devassas nem contraditórias. Dizem-se realistas.

Outras se desesperam com a fome das crianças, dor-mem com bandidos e acordam cobertas de sangue, co-mo Luiza Rodrigues, 21 anos e 17 navalhas espalhadas pelo corpo maltratado nos becos e motéis de Corumbá.

A rua plantou quatro brasileiros no ventre de Luiza. Cada um de um pai diferente, quatro homens que não educam, não sustentam nem vêem os filhos.

“Por isso eu dei a Sarah. Ela pelo menos vai ter uma vida diferente da minha e dos irmãos dela. Vai ter um pai, uma casa e tudo que um filho tem que ter. Dei *ela* para um velho amigo”.

Maria Aparecida Paes não espera o demo. Vinga-se antes. Levanta a blusa, mostra o trabuço na cintura e anuncia o *striptease* mais aguardado da noite. “Ninguém pode encostar na dançarina. Quem desobedecer, toma bala”.

Os clientes obedecem. Já viram a cafetina atirar para defender as curvas de sua herdeira. Karina Gabriela, 18 anos, morena que trocou o colégio pela fantasia sexy de colegial, arranca uivos dos admiradores.

Termina nua e suada. Agradece e vai para casa. Mora com a família nos fundos do cabaré mais tradicional de Pedro Juan Caballero, cidade paraguaia com 75 mil habitantes separados do Brasil por uma única rua de terra com 15 metros de largura. Do outro lado está Ponta Porã (MS), onde Karina faz aulas de dança e compra as rou-pas de seus shows: “Minha mãe escolhe as fantasias. Ela não me deixa fazer programa com ninguém. Só posso dançar, adoro dançar. O ambiente da boate não me assusta. Estou acostumada. É minha casa. Meu mundo”.

O mundo da fronteira é o submundo. E essa é a história de uma terra sombria, onde os limites da moral, da lei e das nações são tão frágeis quanto o corpo da menina que rebola diante do olhar orgulhoso da pistoleira que a pariu no fim do Brasil e no começo do Paraguai.

Do caderno especial “Filhos da Mãe”. Correio Brasiliense – 31/08/2005

O uso da narrativa apenas enquanto meio para expressão do discurso jornalístico não significa um fazer alternativo. Se entendermos a narrativa como uma atitude diante do mundo, narrar torna-se uma

prática que começa antes da pauta, na disposição em perceber o acontecimento e o fenômeno noticioso como resultado de uma ação humana no tempo e no espaço. Estes são permeados por uma rede de relações fundamentadas em significados que se concretizam na vida humana.

Narrar é compreender o mundo por meio de uma ação consciente que constrói desconstruindo. Na representação da realidade, o repórter precisa da narrativa para restaurar, religar as relações concretas reconfiguradas para ocupar as páginas do jornal, as lentes da televisão e as ondas do rádio, a partir de sua interferência intencionalmente planejada.

Diante dessas considerações, pode-se afirmar que a narrativa como um ‘fim em si mesma’ – se o repórter não compreender suas dimensões éticas e estéticas – pode prestar um desserviço ao jornalismo.

O caderno especial do Correio Brasiliense se propunha a tratar de tema delicado e emergente, que aflige a sociedade. Ao percorrer o centro-oeste brasileiro e buscar uma radiografia da situação, contou histórias como “Filhos da pistoleira”. A reportagem apresenta as vivências de Luiza e Maria Aparecida, a partir do que contam sobre o cotidiano de risco no mercado do sexo pelas posições distintas que ocupam – a primeira é profissional do sexo, a segunda cafetina. As personagens contribuem para delinear, tornar inteligível e caracterizar para o leitor uma região fronteira: “sombria”, sem lei, sem honestidade social e institucionalmente frágil. O ‘ensaio’ de humanização ficou restrito à inclusão de personagens, estrategicamente personifica o que simbolicamente representa a vida “no fim do Brasil”.

Se pretendia chocar, chocou, não só pela exposição da degradação a que estão sujeitos os protagonistas do mundo da prostituição, mas também [e principalmente] pela maneira que foram tratados esses protagonistas. Na tentativa de contextualização, a matéria apresenta descrição de ambientes e de personagens [narrativas? jornalismo literário?], mas escorega na dimensão estética – pela falta de sensibilidade para um tratamento mais adequado –, como também no aspecto ético. Narrar, nesse contexto, foi representar de maneira unidirecional, pela via de um jornalista-narrador, um mundo que já existia em sua concepção distanciada e autoritária do que estava para se conhecer. A narração, que em tese representa a resposta do jornalista atuando no campo do simbólico e do imaginário, enveredou para a direção contrária. O ponto de partida para o jornalista acabou sendo o de chegada: Mulheres dispersas no tempo e no espaço, em um cotidiano culturalmente pouco representativo acabaram sub-representadas. Suas histórias foram tratadas por uma perspectiva utilitarista para escrever o que estava dito não por elas, mas por um etnocentrismo moralizador e *pré*-conceituoso de um narrador que se reconhece na cultura da civilidade e, a partir dela, constrói – sem o outro – a realidade social que deseja representar.

A partir do título, e perpassando por vários momentos do texto, é reforçado o estigma da ‘pistoleira’ do ‘faroeste brasileiro’. Na ânsia por uma narração bem elaborada, o uso das metáforas equivocadas chega ao nível do mau gosto, como “elas vendem o que o diabo gosta” ou “a rua plantou quatro brasileiros no ventre de Luiza”. A ‘cereja do bolo’ parece ser a janela que fecha a matéria quando faz alusão

à “pistoleira que a pariu no fim do Brasil e no começo do Paraguai”.

É interessante constatar que a tentativa de narrar cenas, destacar personagens e descrever ambientes, pela abordagem adotada, acabou por provocar efeitos desastrosos. Ao invés de valorizar, o texto faz julgamentos, reforça estereótipos e preconceitos – deprecia o ser humano. Longe de elucidar, a narração não foge de uma percepção trivial que não é suficientemente contextual a ponto de gerar a compreensão sobre o “submundo” de Luiza, Maria, de suas filhas e de centenas de pessoas inseridas em um cenário culturalmente característico e rico em práticas e experiências. Estas acabaram subtraídas em um processo de representação que narra sem contar. Conclusão: tema relevante, boas intenções, mas resultados catastróficos.

### 3. A humanização como estratégia

Nosso estímulo à construção de narrativas vislumbra uma ‘postura’, uma opção teórica que proporcione ao profissional algumas alternativas para firmar seu compromisso com a sociedade. Nossas reflexões têm buscado ‘estratégias’ que possam traduzir no fazer jornalístico este ideário teórico. É o que chamamos de *jornalismo humanizado*, que sintetiza uma abordagem que oportuniza ao jornalista uma visão mais ampla e consistente aos seus fazeres.

Nosso entendimento sobre o jornalismo humanizado parte das seguintes noções<sup>1</sup>:

---

<sup>1</sup> Sistematizado em “Jornal escolar e vivências humanas – um roteiro de viagem”.

O fazer jornalístico *busca versões verdadeiras* e não, necessariamente, *produz a verdade*, pois o jornalista não se relaciona com um *objeto* de conhecimento, mas com *outros seres humanos* envolvidos no processo comunicativo. Dessa forma, sua busca envolve a compreensão das ações dos sujeitos da comunicação – é a expressão dos sentidos da consciência.

Na procura da *essência* dos fenômenos, o comunicador atribui-lhe *significados*, os *sentidos*, para proporcionar ao público, mais que a explicação, a *compreensão* das ações humanas. Se busca a compreensão, conta com observação objetiva, mas para isso recorre a um caráter humano nato, a subjetividade, o fundo intimista capaz de tornar a narração viva – humana. A observação e a expressão dessa compreensão, assim, dispõem dos recursos de todos os órgãos dos sentidos, que envolvem emoções, afetividades - *subjetividades*.

**Habilidades** - Para chegar a tal noção, além de acatar alguns argumentos já discutidos anteriormente, recorreremos às reflexões de L.S. Vygotsky (1987) sobre ‘pensamento e linguagem’. Conforme salienta o autor, a expressão dos sentidos de fenômenos é ação simultânea e imbricada às operações mentais do observador-comunicador, enquanto sujeito individual e como membro de um todo – histórico e social. Por este raciocínio, pode-se compreender que um relato das ações humanas é fruto da observação/percepção e, ao mesmo tempo, da reflexão sobre esses fenômenos. Ora, a compreensão de um acontecimento é, simultaneamente, a expressão e a reflexão sobre esse acontecimento. Ou ainda, no dizer

de Vygotsky (1987), o pensamento verbalizado ou a fala significativa.

O compromisso do jornalista, então, envolve a *observação* e a *reflexão* de mundo, de modo que, *percebendo-o*, possa *expressá-lo*. Não lhe cabe somente a função técnica, mas a função social de comprometer-se com o mundo, de reconhecer que sua autoria responsável deve ser fruto do diálogo social, de sua cumplicidade com o público/sociedade – os outros seres humanos.

Este compromisso marca a perseguição a uma ‘autoria responsável’, pois como entende Manuel Carlos Chaparro, “cada jornalista é responsável moral pelos seus fazeres” (1994, 22). A responsabilidade moral – autoria – está vinculada aos princípios éticos do jornalismo e, necessariamente, do jornalista – um ser humano. Essa postura reflexiva caracteriza um aspecto indispensável ao jornalista para a sua tarefa de atribuir significados aos fenômenos. Pelo exercício ético, com a elevação do seu nível de consciência, poderá melhor pensar-expressar, compreender e levar a compreensão à audiência, como autor e responsável moral por seus fazeres e compromissos.

**Desafios** – Diante desse quadro, é indispensável alinhar essas habilidades aos desafios propostos por Cremilda Medina (1999, p. 26), que devem ser encarados para o desenvolvimento da tarefa de narrar as ações humanas.

Se ao jornalista, em seu dia-a-dia, são exigidas as habilidades de *observar*, *refletir* e *expressar* o cotidiano, este tem no desafio *técnico* a busca do aperfeiçoamento das narrativas e os recursos tecnológicos como meios que podem levar à veracidade e

à compreensão dos fenômenos complexos. Dessa forma, o jornalista-narrador desenvolve sua capacidade de expressão e apreensão do discurso do outro. No sentido *ético*, encontra o campo que permite a elevação do nível de sua consciência e o alargamento de sua visão de mundo; no aperfeiçoamento ético está a âncora do fazer jornalístico, que também lhe permite a sintonia e a cumplicidade com o universal – solidariedade. Do ponto de vista *estético*, transcende as técnicas para alcançar a criatividade, para levar às narrativas os signos contextualizados e regenerados e dar vazão à visão solidária e à intuição – pela empatia, sentimento de intimidade. No aperfeiçoamento estético está, por um ângulo, a possibilidade de obterem-se relatos mais criativos e contextualizados e, por outro [e por isso mesmo], a maior capacidade de observação/percepção.

A narrativa defendida e pretendida para além da estética vazia – portanto, por uma perspectiva humanizada e humanizadora – provoca mudanças naqueles que estão envolvidos, porque não há monopólio do jornalista-narrador. Ao contrário, a abertura democrática faz do texto jornalístico narrado mais do que uma história com começo, meio e fim, heróis e anti-heróis, certos e errados [resquícios de uma concepção cartesiana e salvacionista]. A autêntica narrativa jornalística evita e não se confunde com o discurso do senso comum, mas ressalta o caráter cultural atribuído ao fazer jornalístico dotado de um vigor discursivo e é capaz de tornar esse fazer o gerador de conhecimento sobre a realidade humana que transita.

#### **4. Momento de síntese: redundância necessária**

Cabe aqui reafirmar nosso entendimento sobre a construção de narrativas e o jornalismo humani-

zado. Embora pareçam expressões sinônimas, não são. São noções que se integram, se complementam. Quanto a primeira, vemos como uma *postura*, a opção teórica do profissional pelo compromisso com a sociedade. Já o jornalismo humanizado sintetiza uma *abordagem* que proporciona ao jornalista uma visão mais ampla de consistência aos seus fazeres. Pretendemos com estes termos abranger noções que representem alternativas palpáveis ao processo jornalístico. Por que alternativas, se tratam da busca da própria essência do jornalismo? E por que humanizado se o jornalismo é uma forma de construção social? Porque entendemos que o cientificismo induziu editores e jornalistas a aceitarem modelos racionalistas para seus fazeres. E esses modelos têm ‘embaçado’ nossa visão sobre a raiz: compreensão de mundo. Os modelos racionalistas, integrados à visão simplificadora e fragmentária do cientificismo, justamente têm provocado a maioria dos equívocos a que chamamos de ‘meias verdades’. E, por isso mesmo: Esta redundância é necessária!

Alguns diferenciais aqui apresentados são possibilidades de contribuir com um fazer jornalístico que constitua a ‘construção social da realidade’, a partir das singularidades e, pelos recursos simbólicos da cultura, proporcione compreensão de mundo. Assim também, o jornalismo humanizado, enquanto estratégia para essa construção social da realidade, configura-se como uma perspectiva interessante para ter o ser humano como ponto de partida e de chegada em nossos fazeres.

A fundamentação e as referências aqui apresentadas denotam uma preocupação com o equilíbrio

entre o objetivo e o subjetivo, justamente no sentido de o jornalista usufruir mais e melhor das subjetividades para aperfeiçoar seu olhar, sua visão de mundo. Esse ponto de vista é fundamental nesta proposição, pois indica ao profissional uma perspectiva alternativa, reflete em todo o processo de reportagem e, por conseqüência, proporciona uma matéria jornalística também singular.

## Referências

CAPRA, F. **O ponto de mutação**. Trad. Álvaro Cabral. São Paulo: Cultrix, 1993.

CHAPARRO, M. C. **Pragmática do jornalismo**. São Paulo: Summus, 1994.

CULLER, J. **Teoria literária** – Uma introdução. Trad. Sandra Vasconcelos. São Paulo: Beca, 1999.

FREIRE, P. O compromisso do profissional com a sociedade. In: **Educação e mudança**. 10 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FREITAS, E.T. **Jornalismo literário e documentário: interfaces**. Disponível em: <http://www.textovivo.com.br/>. Acesso em: 22 mai. 2007.

GENRO FILHO, A. **O segredo da pirâmide** – Para uma teoria marxista do jornalismo. Porto Alegre: Tchê! Editora, 1987. Disponível em: <http://www.adelmo.com.br/bibt/t196.htm>. Acesso em: 22 mai. 2007.

IJUIM, J. K. **Jornal escolar e vivências humanas** – *um roteiro de viagem*. Campo Grande: Edufms, Bauru: Edusc, 2005.

LIMA, E. P. **Narrativas de transformação**. Disponível em: <http://www.textovivo.com.br/>. Acesso em: 22 mai. 2007.

LIMA, E, P. **Texto vivo** - conceitos. Disponível em: <http://www.textovivo.com.br/>. Acesso em: 22 mai. 2007.

MEDINA, C.; GRECO, M (orgs). **Caminhos do saber plural** – Novo pacto da ciência 7. São Paulo: ECA/USP, 1999.

MEDITSCH, E. **O conhecimento do jornalismo**. Florianópolis: Edufsc, 1992.

PENA, F. **Jornalismo literário**. São Paulo: Contexto, 2006.

TRAQUINA, N. **Teorias do jornalismo**. v. I – Porque as notícias são como são. 2ed. Florianópolis: Insular, 2005.

VYGOTSKY, L.S. **Pensamento e linguagem**. Trad. Jéferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1987.